

SÍNDROME DE BURNOUT: OS PROFESSORES ESTÃO EM PERIGO?

Burnout Syndrome: Are Teachers in Danger?

Fabiana Meneghetti Dallacosta¹
Maria Helena Itaquí Lopes²
Ivan Carlos F. Antonello³

Recebido em: 10 mar. 2015
Aceito em: 22 abr. 2015

RESUMO: A profissão docente é considerada de alto risco para o desenvolvimento de burnout. Este estudo objetivou avaliar a presença da síndrome em docentes universitários, utilizando o Malach Burnout Inventory (MBI), totalizando 139 professores. A idade média foi 44,05 (9,5), 51,1% sexo feminino, 50,4% atuam no curso de medicina. No total 13,7% estão em burnout, sendo 28% com altos valores de exaustão emocional, 26% altos valores de despersonalização e 64% reduzida realização pessoal. Conforme aumenta a idade também aumenta a realização pessoal e diminui a despersonalização e a exaustão emocional. Quanto ao sexo, as mulheres são maioria no grupo com maiores valores de burnout. Quanto ao tempo de carreira docente, quanto maior, menor a chance de burnout, menor a exaustão emocional e maior a realização pessoal. Não foi encontrada associação significativa entre burnout e atuação em pós-graduação, número de horas em sala de aula e quanto ao estado civil.

Palavras-chave: Stress ocupacional. Professores universitários. Síndrome de burnout.

ABSTRACT: Teaching is considered in high risk for the development of burnout syndrome. This study aimed to evaluate the presence of the syndrome in university professors, using the Malach Burnout Inventory (MBI), totaling 139 teachers. The average age was 44.05 (9.5), 51.1% female, 50.4% medicine teachers. A total of 13.7% are in burnout, being 28% with high values of emotional exhaustion, 26% high depersonalization and 64% lack of personal accomplishment. As age increases also increases personal accomplishment and decreases the depersonalization and emotional exhaustion. Women are majority in the group with higher values of burnout. As time of teaching, career, the bigger, smaller is the chance of burnout, less emotional exhaustion and greater personal accomplishment. No significant association was found between burnout and performance in graduate school, number of teaching hours and marital status.

Keywords: Occupational stress. College teachers. Burnout syndrome.

¹ Doutora em Ciências da Saúde. Docente da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: fmdallacosta@yahoo.com.br.

² Doutora em Medicina. Docente da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mariahelena.itaqui@yahoo.com.

³ Doutor em Medicina. Docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: ivan.antonello@pucrs.br.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente por si só carrega uma carga de estressores psicossociais, alguns inerentes à função de professor, outros relacionados ao contexto social e institucional onde estão inseridos. Diferentes fatores causadores de estresse repercutem de forma diversa nas pessoas, pois dependem de características individuais, ambiente, equilíbrio interno do indivíduo e outros. Diversos estudos tem demonstrado que ensinar é altamente estressante, sendo assim, o professor vai desenvolvendo mecanismos para enfrentar as situações problemáticas do dia-a-dia, que podem levá-lo a um estado de ansiedade ou esgotamento docente (CARLOTTO, 2002; BENEVIDES-PEREIRA, YAHASHITA e TAKAHASHI, 2010; GASPARINI, BARRETO e ASSUNÇÃO, 2005).

Quando o estresse está relacionado ao ambiente de trabalho, chama-se estresse ocupacional ou laboral. Quando o indivíduo se desgasta ao extremo, esgotando sua capacidade de lidar com o estresse ocupacional, desenvolve-se a chamada Síndrome de Burnout (CARLOTTO, 2002; BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

A palavra burnout (*burn out*) é inglesa e em tradução literal significa “queimar para fora”. Inicialmente utilizada para designar o estado debilitado dos usuários de drogas, atualmente é utilizada por especialistas em saúde mental para designar um estado avançado de estresse exclusivamente causado pelo trabalho, mais especificamente naquelas profissões que atuam junto ao ser humano, como profissionais da saúde, policiais, professores e outras. As profissões que envolvem ajuda demandam uma carga emocional grande, resultante do conflito entre envolver-se profissionalmente e não pessoalmente com o outro (CARLOTTO; CÂMARA, 2004; MORENO-JIMENEZ et al, 2002; BORGES et al, 2002).

Vários estudos tem demonstrado que a profissão docente está entre as mais propensas ao burnout, tanto que a severidade da síndrome entre os profissionais de ensino coloca a atividade docente como de alto risco, superando, inclusive os profissionais da saúde (CARLOTTO; CÂMARA, 2004; LIMA, LIMA-FILHO, 2009). O estresse acentuado em professores vem sendo estudado amplamente em vários países e segundo Silva (2006), a síndrome de burnout é uma das principais causas de afastamento de professores, em vários níveis de ensino.

Esta síndrome caracteriza-se por reação à tensão emocional crônica causada por lidar excessivamente com pessoas, e é composta por três dimensões relacionadas entre si: exaustão emocional, despersonalização e realização pessoal no trabalho (CARLOTTO; CÂMARA, 2004). A síndrome desenvolve-se gradativamente, e instala-se à medida que vai aumentando o distanciamento dos alunos e os sentimentos negativos quanto à atividade docente (MORENO-JIMENEZ et al, 2002).

As instituições de ensino, especialmente as privadas, cada vez mais são vistas como empresas, e gerenciadas visando lucro, competitividade e produção em massa, nas quais os

clientes (alunos) devem ser bem tratados e adequadamente atendidos. Essa visão mercantil gera prejuízos aos professores, torna a profissão solitária e extremamente focada no atendimento das necessidades do aluno, não levando em consideração os sentimentos dos docentes, que com o passar do tempo lidando com emoções negativas, acabam por ver a clientela como causa do seu mal-estar (ZAMORA, CASTEJÓN, FERNÁNDEZ, 2004; GIL-MONTE, 2001).

Este estudo objetivou analisar o perfil profissional e a presença de burnout em docentes da área da saúde de duas universidades privadas do sul do Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, realizado com professores universitários de cursos da área da saúde, de graduação e pós-graduação, de duas instituições privadas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Os critérios de inclusão foram: exercício da docência em um ou mais cursos de graduação em medicina, enfermagem, fisioterapia, odontologia, psicologia, educação física e ciências biológicas, exercício da docência em cursos de pós-graduação na área da saúde e prática docente de no mínimo seis meses. Critérios de exclusão foram: decisão em qualquer momento do estudo de desistir da participação ou não permitir a utilização de seus dados na pesquisa. Este estudo foi avaliado pelos Comitês de Ética e Pesquisa da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sendo aprovado pelo parecer 200.965. Todos os professores que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram utilizados dois questionários, um para coleta dos dados sociodemográficos e relativos à situação profissional e outro para análise dos sintomas de burnout, para o qual utilizou-se o Inventário de Burnout de Maslach, que é uma versão traduzida e validada do *Maslach Burnout Inventory* (MBI). O MBI é um instrumento de auto-registro composto por 22 itens acerca dos sentimentos e relacionados com o trabalho e distribui-se por três dimensões: a) exaustão emocional: analisa os sentimentos de sobrecarga emocional quando os trabalhadores percebem esgotada a energia e os recursos emocionais próprios; b) despersonalização: pretende medir as respostas “frias”, impessoais ou negativas dirigidas aqueles a quem se presta serviço e c) realização pessoal: usada para avaliar sentimentos de competência e bem estar relativos ao trabalho.

Os dados foram descritos por média e desvio-padrão e os categóricos por contagens e percentuais. A comparação de variáveis quantitativas entre grupos foi realizada pelo teste t de Student (2 grupos) ou ANOVA (3 ou mais grupos) seguida pelo teste de *post-hoc* de Tukey. A associação de variáveis quantitativas entre si foi realizada utilizando-se o coeficiente de correlação de Pearson. Os cruzamentos de dados categóricos foram analisados pelo teste de qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de $\alpha=0,05$. Os dados foram analisados com

o programa SPSS versão 21.0.

A análise do MBI foi realizada de três formas: considerando-se a presença ou não de burnout, separando as pessoas de acordo com a escala que classifica em alto, médio e baixos valores de burnout, e ainda utilizando as médias e desvios-padrão dos escores do MBI, obtendo-se uma variável contínua, que foi chamada de escore Z de burnout (ZBOUT) e variou de mínimo à máximo burnout.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 139 participantes da pesquisa, 50,4% são professores do curso de medicina, o restante divide-se nos cursos de odontologia, enfermagem, fisioterapia, educação física, ciências biológicas e psicologia. Entre as profissões citadas houve predominância de médicos (41,7%), 10% odontólogos, 8,6% enfermeiros, 5,7% professores, 5% biólogos, 4,3% psicólogos, 4,3% fisioterapeutas e 2,1% educadores físicos. Ressalta-se que apenas 12,2% dos 139 acrescentaram “docente/professor” à outra profissão citada. A maioria possui mestrado (44,6%), 23,7% doutorado, 25,2% especialização, 5% pós-doutorado e 1,4% graduação. As características sociodemográficas e da situação profissional estão descritas na tabela 1.

Tabela 1 - Características sociodemográficas e da situação profissional.

Variável	Média (DP) e número absoluto (%)
Idade (anos)	44,05 ± 9,5
Sexo feminino	71 (51,1)
Estado Civil - Com companheiro	110 (79,1)
Etnia Brancos	139 (100)
Atuação em Pós-graduação – Não	79 (56,8)
Tempo de docência (anos)	11,7(8,4)
Nº horas em sala de aula (semanal)	16,07 ± 9,6
Atividade profissional além da docência – Sim	105 (75,5)
Possui formação pedagógica – Sim	86 (61,9)
Sente falta ou gostaria de ter formação pedagógica	73 (53,7)

A carga horária de sala de aula obteve média de 16,07 horas semanais (DP 9,6) e 75,5% afirmaram ter outra atividade profissional fora da docência. A maioria (56,8%) não atua em pós-graduação e a média do tempo de carreira docente foi de 11,7 anos (DP 8,4), mediana 10 anos, tempo mínimo 6 meses e máximo 45 anos.

Quanto ao sexo, não houve diferença significativa entre homens e mulheres quanto à presença de burnout ($p=0,10$) utilizando Pearson ($p=0,096$) e Teste T ($p=0,443$), entretanto, neste estudo, as mulheres são maioria no grupo com burnout (57,9%), e no grupo sem burnout, 50% são homens. No estudo de Benevides-Pereira, Yamashita e Takahashi (2010), Luk et al (2010) e Zhao e Bi (2003) também não foi encontrada diferença entre gêneros.

Separando burnout em uma escala de baixo, médio e alto, os homens correspondem a

64,3% no grupo com baixo burnout e as mulheres a 62,7% no grupo com médio burnout. No grupo com alto burnout 52,2% são mulheres, dessa forma, há maior predisposição das mulheres em desenvolver a síndrome, o que foi estatisticamente comprovado ($p=0,03$). Analisando-se ZBOUT e sexo, observou-se que no grupo com menos burnout, 70,6% são homens e no grupo com mais burnout, 51,4% são mulheres, ratificando a sugestão acima ($p=0,02$).

Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012) referem que o sexo feminino é mais vulnerável ao burnout, assim como e Innstrand et al (2011). Zarafshan et al (2013) referem que burnout está diretamente relacionado à diversos fatores, como idade, sexo, estado civil entre outros, e vários estudos apontam que as mulheres apresentam maiores valores para exaustão emocional e os homens para despersonalização, como Gomes et al (2010), Benevides-Pereira (2002), Vercambre et al (2009), Innstrand et al (2011) e Gomes et al (2006).

Analisando-se idade e burnout, obteve-se correlação de Pearson = $-0,40$ ($p=0,000$), indicando que a idade tem uma relação significativa inversa com burnout, sendo que quanto mais jovens, maior a tendência ao burnout e quanto mais velhos, a chance de burnout vai diminuindo. Relacionando idade e realização pessoal, obteve correlação positiva de Pearson ($r=0,4$, $p=0,000$), indicando que quanto maior a idade, maior a realização pessoal no trabalho. A idade em relação à exaustão emocional apresentou $r=-0,3$ e comparado à despersonalização $r=-0,2$, dessa forma, com o passar dos anos, a exaustão tende a diminuir, assim como a despersonalização ($p=0,000$ e $p=0,001$, respectivamente).

Os estudos divergem quanto à relação entre burnout e idade, Benevides-Pereira, Yamashita e Takahashi (2010) não encontraram relação, Alavínia e Ahmadzadeh (2012) referem que o burnout tende a diminuir com a idade, Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) relatam que o burnout é mais comum em pessoas com menos de 30 anos, assim como Luk et al (2010) e Lau, Yuen e Chan (2005). Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012) referem que as pessoas com a síndrome estão em torno dos 40-65 anos.

Correia, Gomes e Moreira (2010) referem que docentes mais jovens sentem mais estresse, apresentam maior pontuação em DE e tem menos satisfação no trabalho. Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012) por outro lado, indicam que os profissionais com tempo de trabalho superior a 15 anos são mais propensos à síndrome, assim como Lipp (2007) que afirma que profissionais com mais tempo de serviço são mais estressados. Alavínia e Ahmadzadeh (2012) relacionam burnout e inteligência emocional (IE) e concluem que a IE tende a aumentar com os anos de experiência no ensino e que quanto maior a IE, menor a chance de burnout.

Ao investigar estado civil, analisando-se as escalas de baixo, médio e alto burnout, e relacionando com aquelas pessoas que vivem com ou sem companheiro, observou-se que nos três grupos a maioria foi de pessoas com companheiro (78,6%, 78,4% e 80,4%,

respectivamente), mas não houve associação significativa ($p=0,80$). De modo geral, entre todos participantes, a maioria (79,1%) referiu ser casado ou viver com companheiro, o que pode explicar a maior prevalência nos três grupos de burnout. Duran-Duran, Extremera Pacheco e Peña (2001) também não encontraram associação entre burnout e presença ou não de companheiro.

Zarahshan et al (2013) relatam que burnout está diretamente relacionado ao estado civil, mas essa afirmação difere entre vários autores. Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012) referem que a pessoa com burnout geralmente é casada, enquanto Benevides-Pereira (2002) relata que as pessoas com companheiro tem menos burnout, assim como Lau, Yuen e Chan (2005). Luk et al (2010) relatam que pessoas solteiras tem maiores pontuações em EE e DE, concordando com Vercambre et al (2009), segundo os quais as pessoas sem companheiro tem maior pontuação em DE e rRP e os autores acrescentam que a família pode funcionar como um recurso para lidar com o estresse.

Considerando o número de horas semanais dedicadas à graduação e comparando com burnout, não foi encontrado significância utilizando Pearson ($r=0,09$, $p=0,32$). Utilizando a escala ZBOUT em comparação com número de horas semanais em sala de aula, também não houve associação utilizando Anova ($p=0,25$). Número de horas também não obteve significância relacionado com DE, RP e EE. Não foi observado relação significativa entre atuação em pós-graduação e burnout ($p=0,61$). Comparando-se atuação em pós-graduação e satisfação no trabalho, também não foi encontrado associação ($p=0,07$).

Neste estudo, 13,7% apresentaram elevados índices para despersonalização e exaustão emocional, e baixos índices para realização pessoal no trabalho, caracterizando-os em estado de burnout. Considerando as sub-escalas do MBI, foram encontrados índices altos de exaustão emocional (EE) em 39% dos professores, níveis altos de despersonalização (DE) em 26% e reduzida realização pessoal no trabalho (rRP) em 64%, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 - Variáveis do Maslach Bunout Inventory (MBI).

Variáveis	Média da pontuação ($\pm DP$)	Baixo n (%)	Médio n (%)	Alto n (%)	Mínimo	Máximo
Exaustão Emocional	18,07 (8,67)	54 (39)	46 (33)	39 (28)	1	33
Realização Pessoal no trabalho	32,27 (4,99)	89 (64)	45 (32,3)	5 (3,5)	18	47
Despersonalização	5,53 (3,79)	54 (39)	69 (49,6)	36 (26)	0	20

Utilizando as médias e desvios-padrão dos escores do MBI, obteve-se uma variável contínua de burnout, que variou de - 1,57 (baixo burnout) até 2,04 (alto burnout) e foi chamada de escore Z de burnout (ZBOUT).

Diversos estudos em diferentes culturas vem apresentando resultados bem variados, como Gomes et al (2006) que encontraram 13% de burnout em estudo em Portugal, Benevides-Pereira, Yamashita e Takahashi (2010), 12,8% no Paraná, Chennoufi et al (2012) encontraram 21% na Tunísia, Luk et al (2010) relatam 4,3% em estudo na China e Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012), 25,3% em Madri.

Considerando as sub-escalas do MBI, foram encontrados índices altos de exaustão emocional (EE) em 28% dos professores, níveis altos de despersonalização (DE) em 25,9% e reduzida realização pessoal no trabalho (rRP) em 64%. Maslach, Jackson e Leiter (1996) referem que o burnout pode ser considerado alto, médio e baixo, de acordo com a pontuação. Fazendo esta classificação, obteve-se 42 pessoas (30,2%) com baixo burnout, 51 (36,7%) com médio e 46 (33,1%) com alto.

Correia, Gomes e Moreira (2010) encontraram 10,6% de EE, 2,1% rRP e 1,1% apenas de DE, Benevides-Pereira, Yamashita e Takahashi (2010) relatam valores bem mais expressivos, sendo 42,6% EE, 36,6% rRP e 31,7% DE, Gomes et al (2006) descrevem 14% da amostra em EE, 6% rRP e 17,9% DE, Duran-Duran, Extremera Pacheco e Peña (2001) em estudo na Espanha encontraram 26,4% EE, 33% rRP e 6,6% DE, Chennoufi et al (2012) na Tunísia relatam 27,4% EE, 45,5% rRP e 16,1% DE, Astrauskaite, Perminas e Kern (2010) em estudo sobre exaustão emocional na Lituânia encontraram 58% com alta EE, já Gomes et al (2010) trazem valores bem inferiores aos demais, sendo 10% EE, 3% rRP e 1% DE.

Vercambre et al (2009) em seu estudo encontraram médias semelhantes às deste estudo, sendo exaustão emocional 18,1 (DP 10,2), realização pessoal no trabalho 31,2 (DP 8,6) e despersonalização 3,3 (DP 3,7), assim como Plastisidou e Agalotis (2008) em estudo na Grécia que encontraram médias de EE 18,66 (9,07), DE 3,92 (3,81) e rRP 30,07 (5,52).

Analisando a relação entre atuação em pós-graduação e burnout, não foi encontrado significância ($p=0,17$). Professores que atuam somente em graduação sofrem menos cobrança para publicações e desenvolvimento de pesquisas do que aqueles profissionais que atuam também em pós-graduação, não significando, entretanto, que trabalhar com graduação seja mais fácil ou menos estressante.

Em relação ao tempo de docência, apresentou correlação negativa ($r=-0,2$; $p=0,001$) com Zbout, indicando que quanto maior o tempo de carreira docente, menores os valores do MBI. Tempo de docência relacionado às variáveis do MBI, obteve $r=0,3$ com RP ($p=0,000$), $r=-0,09$ com DE ($p=0,25$) e $r=-0,2$ com EE ($p=0,001$), indicando que quanto maior o tempo de docência, menor a chance de burnout, menor a exaustão e maior a realização pessoal, o que significa que o profissional com maior tempo de carreira docente, apresenta maior realização no trabalho e menor exaustão. Em relação à despersonalização apresentou correlação negativa, mas não foi significativo. Dessa forma, os resultados deste estudo sugerem que profissionais com mais idade e mais tempo de serviço, apresentam menor chance de burnout.

Lau, Yuen e Chan (2005) também associam burnout a profissionais com menor

tempo de experiência e Luk et al (2010) relatam que professores com menos de 10 anos de experiência apresentam maiores pontuações em EE, corroborando com Duran-Duran, Extremera Pacheco e Peña (2001) que relatam em seu estudo que as pessoas mais velhas apresentaram menores valores da EE e DE e que menor tempo de docência esteve associado às maiores pontuações em EE e ainda em acordo com Carlotto e Câmara (2004) que mostram que os mais jovens tem maiores pontuações em EE.

Considerando o número de horas semanais dedicadas à graduação e comparando com burnout, não foi encontrado significância ($r=0,08$, $p=0,31$). Utilizando a escala ZBOUT em comparação com número de horas semanais em sala de aula, também não houve associação utilizando Anova ($p=0,25$). Realizando teste *post hoc* de Tukey, horas semanais e tempo de docência não tiveram significância estatística em comparação com burnout. Separando em escala de baixo, médio e alto burnout, obteve significância comparando com o número de horas utilizando Anova ($p=0,03$), sendo que o grupo com baixo burnout apresenta menor carga horária.

Correia, Gomes e Moreira (2010) referem que docentes com maior carga horária sofrem mais pressões relacionadas à carreira docente e trabalho burocrático e tem mais estresse ocupacional. Em contrapartida, Gomes et al (2006) indicam que aqueles profissionais com mais horas semanais sentem menos pressão e tem menor pontuação em DE. Noa-de-La-Fuente-Roldan e Sanchez-Moreno (2012) ao caracterizar a pessoa com burnout incluíram número de horas semanais superior a 35 horas. Benevides-Pereira, Yamashita e Takahashi (2010) também não encontraram associação entre burnout e número de horas semanais, mas salienta-se que nesse estudo não foi considerado o número total de horas semanais de trabalho e sim o número de horas dedicados à docência. Marqueze e Moreno (2005) ressaltam que docentes da área da saúde possuem carga horária de trabalho maior quando comparado à docentes de outras áreas e isso pode levar a longas jornadas de trabalho, que podem refletir em sofrimento, desgaste e fadiga (JACQUES, CODO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos neste estudo estão de acordo com o descrito na literatura mundial, sendo os valores encontrados de burnout semelhantes a outros estudos realizados. Observou-se que a amostra é bem heterogênea quanto à idade, número de horas dedicadas à docência e tempo de experiência, com média de idade inferior à 45 anos, muitos com formação de mestrado e doutorado, e com carga horária inferior a 20 horas na Universidade, grande parte com pouco tempo de experiência no ensino superior.

Corroborando com a literatura mundial, foi demonstrado que as mulheres possuem predisposição maior em desenvolver a síndrome. A idade mostrou ter correlação negativa significativa com burnout, na medida em que os mais velhos apresentam menores pontuações no MBI, assim como os profissionais com mais tempo de trabalho, demonstrando que a

síndrome tende a diminuir com a idade e com a experiência.

Não foi encontrada associação forte e significativa quando relacionado número de horas dedicadas à docência e presença de burnout. Duas situações talvez tornassem esses resultados diferentes, aumentando o tamanho da amostra e se tivesse sido considerado o número total de horas de trabalho e não apenas as horas dedicadas à docência. Atuação em pós-graduação, com toda cobrança e exigência que o professor sente, esperava-se que refletisse nos níveis de burnout, porém nenhuma relação forte significativa foi encontrada.

Há limitações neste estudo que precisam ser mencionadas, como o pequeno número de professores participantes e seu desenho transversal, uma vez que exposição e evento são observados no mesmo corte temporal, o que, entretanto, possibilita a avaliação das relações por meio de medidas de associação. Uma questão sempre mencionada em estudos sobre burnout refere-se ao fato de que os profissionais mais acometidos pela síndrome possivelmente não estejam participando deste estudo, pela própria característica da doença, que desmotiva o profissional de qualquer atividade relacionada ao trabalho, porém, esta é uma limitação comum a todos trabalhos que envolvem esta temática.

É importante considerar que a Síndrome de Burnout causa insatisfação e descontentamento, e seus sintomas ultrapassam a vida pessoal do profissional e interferem no seu trabalho, diminuindo a qualidade e o empenho na realização das tarefas, assim, para esses profissionais, pacientes e alunos saem prejudicados. As instituições devem estar atentas aos profissionais que apresentam sintomas iniciais da doença e precisam intervir de modo a prevenir maiores prejuízos à saúde desses professores, revendo carga e condições de trabalho e encaminhando para atendimento psicológico.

REFERÊNCIAS

ALAVINIA, Parviz; AMADZADEH, Tala. **Toward a reappraisal of the bonds between emotional intelligence and burnout.** English Language Teaching, v. 5, n. 4, p. 37-50, 2012.

ASTRAUSKAITĖ, Milda; PERMINAS, Aidas; KERN, Roy M. **Sickness, colleagues harassment in teachers work and amotional exhaustion.** Medicina (Kaunas), v.46, n. 9, p. 628-34, 2010.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T (org). **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T; YAMASHITA, Danielle; TAKAHASHI, Rogério M. **E os educadores como estão?** REMPEC – Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, v. 3, n. 3, p.151-170, 2010.

BORGES, Livia Oliveira; ARGOLO, João Carlos Tenório; PEREIRA, Ana Lígia de Souza; MACHADO, Emília Alice Pereira; SILVA, Waldylício Souza da. **A síndrome de burnout e os valores organizacionais: um estudo comparativo em hospitais universitários.**

Psicologia: reflexão e crítica, v.15, n. 1, p. 189-2002, 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila G.. **Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de instituições particulares.** Psicologia em Estudo, v. 9, n. 3, p. 499-505, 2004.

CARLOTTO, Mary Sandra. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente.** Psicologia em Estudo, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.

CHENNOUFI, Leila; ELLOUZE, Fetteen; CHERIF, W; MERSNI, M; M'RAD, M.F. **Stress and burnout among Tunisian teachers.** Encephale, v.38, n. 6, p. 480-7, 2012.

CORREIA, Tânia; GOMES, Antonio Rui; MOREIRA, Susana. **Stresse ocupacional em professores do ensino básico: um estudo sobre as diferenças pessoais e profissionais.** Actas do VII Símpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal. Acesso em: 10 jul 2011. 2010. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vAY4WLI7ZysJ:repositorium.sdum.uminho.pt>

DURÁN-DURÁN, Maria Auxiliadora; EXTREMERA PACHECO, Natalio; REY PEÑA, Lourdes. **El síndrome de burnout en el ámbito educativo: una aproximación diferencial.** Apuntes de Psicología, v.19, P.251-262, 2001.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada A. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n. 2, p.189-199, 2005.

GIL-MONTE, Pedro. **El síndrome de quemarse por el trabajo (síndrome de burnout): aproximaciones teóricas para su explicación y recomendaciones para la intervención.** *Revista Psicología Científica.com*, v.3, n. 5, 2001. Acesso em: 25 julho 2011. Disponível em: [http://www.psicologiacientifica.com/bv/psicologia-78-1-el-sindrome-de-quemarse-por-el-trabajo-\(sindrome-de-burnout\).html](http://www.psicologiacientifica.com/bv/psicologia-78-1-el-sindrome-de-quemarse-por-el-trabajo-(sindrome-de-burnout).html)

GOMES, Antonio Rui; MONTENEGRO, Nuno; PEIXOTO, Ana Maria B.C; PEIXOTO, Ana R.B.C. **Stress ocupacional no ensino: um estudo com professores dos 3º ciclo e ensino secundário.** Psicologia & Sociedade, v.22, n. 3, p. 587-597, 2010.

GOMES, Antonio Rui; SILVA, Maria João; MOURISCO, Salomé; MOTA, Alfredo; MONTENEGRO, Nuno. **Problemas e desafios no exercício da atividade docente: um estudo sobre o estresse, burnout, saúde física e satisfação profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário.** Revista Portuguesa de Educação, v.19, p.67-93, 2006.

INNSTRAND, Siw T; LANGBALLE, Ellen M; FALKUM, Erik; AASLAND, Olaf G. **Exploring within and between gender differences in burnout: 8 different occupational groups.** Int Arch Occup Environ Health, v. 84, p. 813-824, 2011.

JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderlei. (orgs). **Saúde mental & trabalho: leituras.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LAU, Patrick S.Y; YUEN, Man Tak; CHAN, Raymond M.C. **Do demographic**

characteristics make a difference to burnout among Hong Kong secondary school teachers? Social Indicators Research, v.71, p. 491-516, 2005.

LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; LIMA-FILHO, Dario de Oliveira. **Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a.** Ciência e Cognição, v.14, n. 3, p. 62-82, 2009.

LIPP, Marilda E.N. (org). **O stress do professor.** 5ed. Campinas: Papirus, 2007.

LUK, Andrew L; CHAN, Bessie P.S; CHEONG, Selwyne W; KO, Stanley K.K. **An exploration of the Burnout situation on teachers in two schools in Macau.** Soc Indic Res, v. 95, p. 489-502, 2010.

MARQUEZE, Elaine C; MORENO, Claudia R.C. **Satisfação no trabalho – uma breve revisão.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 30, n. 112, p. 69-79, 2005.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E; LEITER, Michael. **Maslach Burnout Inventory.** Manual. 3rd ed. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, 1996.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar B; LEITER, Michael. **Job Burnout.** Annual Reviews of Psychology, v.52, p. 397-422, 2001.

MORENO-JIMENEZ, Bernardo; GARROSA-HERNANDEZ, Eva; GALVEZ, Macarena; GONZALES, José L; BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **A avaliação do burnout em professores. Comparação de instrumentos CBP-R e MBI-ED.** Psicologia em Estudo, v. 7, n. 1, p. 11-19, 2002.

NOA-DE-LA-FUENTE-ROLDÁN, Iria; SANCHEZ-MORENO, Esteban. **Trabajo social, síndrome de estar quemado por el trabajo y malestar psíquico: un estudio empírico en una muestra de trabajadores sociales de la comunidad de Madrid.** Portularia, v. 12, n. Extra, p. 121-130, 2012.

PLASTSIDOU, Maria; AGALLOTIS, Ioannis. **Burnout, job satisfactory and instructional assignment-related sources of stress in Greek special education teachers.** International Journal of Disability Development and education, v.55, p. 61-76, 2008.

SILVA, Maria Emília Pereira. **Burnout: por que sofrem os professores?** Estudos e pesquisa em Psicologia, ano 6, n. 1, p.90-98, 2006.

VERCAMBRE, Marie-Noël; BROSSSELIN, Pauline; GILBERT, Fabien; Nerrière, Eléna; KOVESS-MASFÉTY, Viviane. **Individual and contextual covariates of burnout: a cross-sectional nationwide study of French teachers.** BMC Public Health, v.9, n.333, p.2-12, 2009.

ZARAFSHAN, Hadi; MOHAMMADI, Mohammad R; AHMADI, Fatemeh; ARSALANI, Akram. **Job Burnout among Iranian Elementary School Teachers of Students with Autism: a Comparative Study.** Iran J Psychiatry, v. 8, n. 1, p. 20-27, 2013.

ZHAO, Yufang; BI, Chongzeng. **Job burnout and the factors related to it among middle**

school teachers. Psychological Development and Education, v.1, p. 80-84, 2003.

ZAMORA, G. Lastenia Hernández; CASTEJÓN, Encarnación Olmedo; FERNÁNDEZ, Ignacio Ibáñez. **Estar Quemado (Burnout) y su Relación con el Afrontamiento.** International Journal of Clinical and Health Psychology, v.4, n. 2, p. 323-336, 2004.